

JEFF VANDEFLIER



SITUAÇÃO

The situation

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Situação

The Situation (título original)

Copyright © 2011 Tarja Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora e do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

Publicado no Brasil

Editores: Gianpaolo Celli / Richard Diegues

Preparação: Marcela Spinolla / Camila Fernandes

Revisão: Camila Fernandes

Projeto Gráfico: Richard Diegues

Ilustração de Capa: Marcelo Tonidandel

Ilustração de Miolo: Richard Diegues

Diagramação de Capa: Verena Peres

Diagramação de Miolo: Richard Diegues

Todas as ilustrações usadas para a composição das páginas de abertura dos capítulos são criações de Marcelo Tonidandel, desenvolvidos como esboços no processo de criação da ilustração de capa, e foram aplicadas em composições artísticas livres por Richard Diegues.

A Situação / Jeff VanderMeer. -- São Paulo :
Tarja Editorial, 2013.

1. Romance: Literatura estrangeira - I.VanderMeer, Jeff.
CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura estrangeira - I.VanderMeer, Jeff.

813



Literatura Fantástica Muito Além Dos Gêneros

Tarja Editorial Ltda.

São Paulo / SP / Brasil

editora@tarjaeditorial.com.br

www.tarjalivros.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

@TarjaEditorial

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente de seu autor. As citações, apesar da semelhança com a vida de qualquer trabalhador do mercado corporativo, não são intencionais e servem apenas para embasar as histórias e dar mais prazer ao leitor, não chegando nem mesmo perto da idéia de ofender os capachos. Mas ainda assim, caso sintá-se ofendido com algo nestas páginas, basta fechar a obra. Todavia, se resolver insistir, compreenda que o mundo não gira ao seu redor e coincidências ocorrem. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem ao seu autor, mas o editor concordou em publicá-las, portanto, partilhar delas. Os animais que porventura foram feridos, molestados e traumatizados durante a produção da obra (exceto alguns besouros e morcegos não localizados) receberam tratamento e passam bem, incluindo O peixe. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!



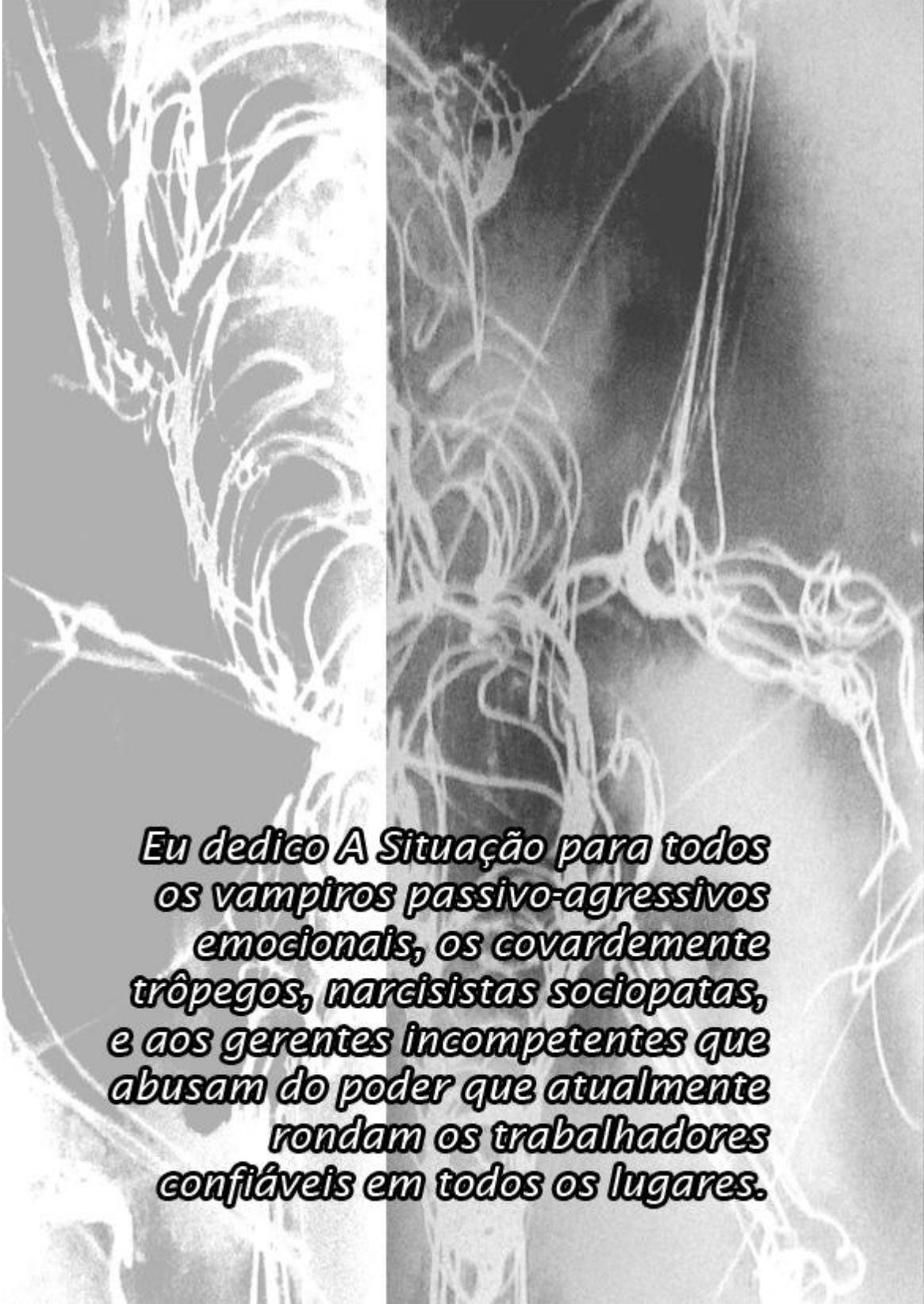
(...) Scarskirt não ofereceu mais nenhum comentário sobre qualquer um dos lados, mas ficou lá, olhando fixamente para mim enquanto cutucava as unhas. A lâmina, eu notei, era de dois gumes e tinha uma ponta. Não importava como o tocasse, ela o cortaria. (...)



*Para Ann,
minha esposa, que fez esta
situação tolerável*

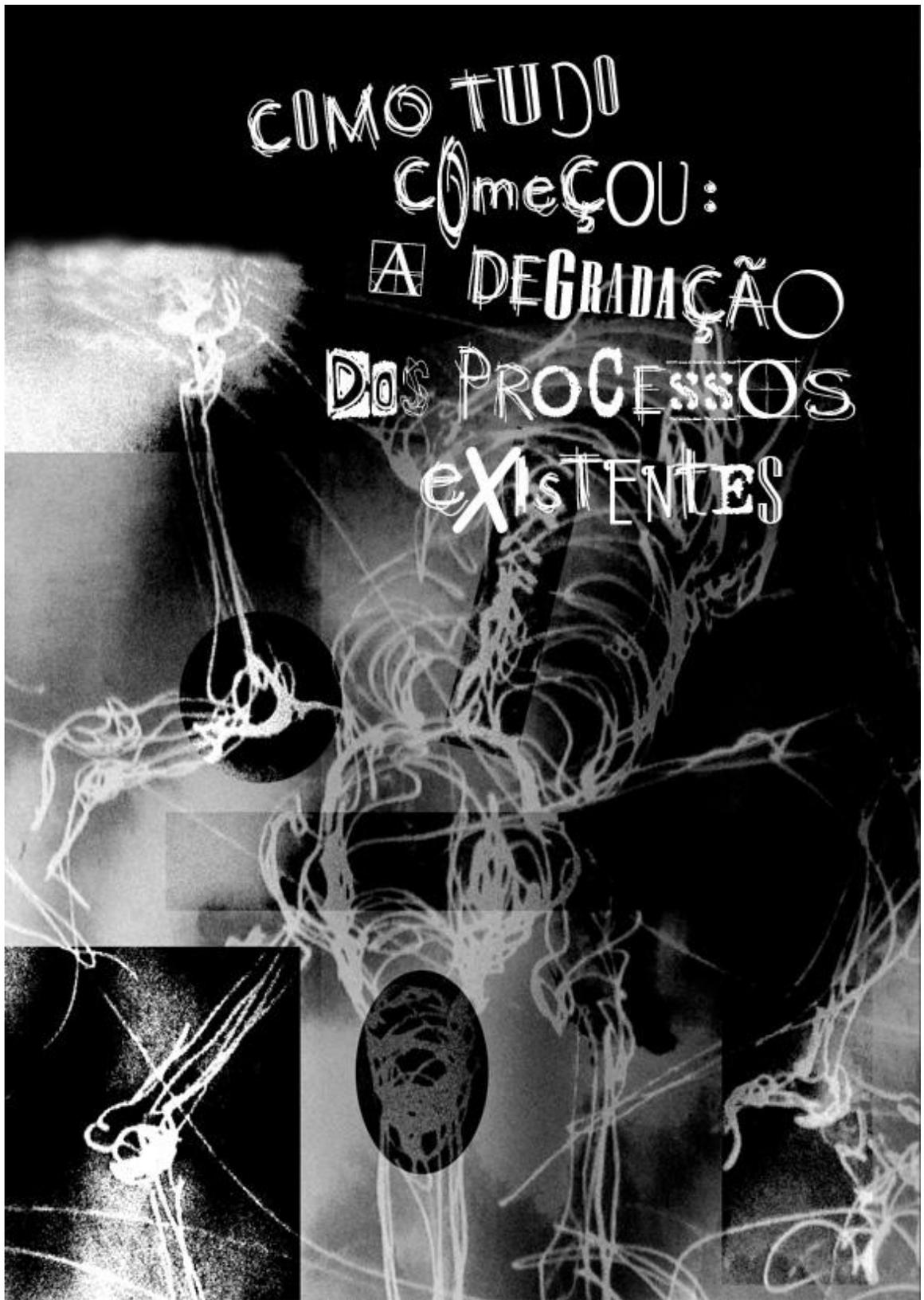
e

*Para Peter Crowther e Nick
Gevers, cujos apoios eu irei
sempre prezar*



Eu dedico A Situação para todos os vampiros passivo-agressivos emocionais, os covardemente trôpegos, narcisistas sociopatas, e aos gerentes incompetentes que abusam do poder que atualmente rondam os trabalhadores confiáveis em todos os lugares.

COMO TUDO
COMEÇOU:
A DEGRADAÇÃO
DOS PROCESSOS
EXISTENTES



Como tudo começou: a degradação dos processos existentes

Minha Gerente era extremamente magra, feita de plástico, com papel recobrando o plástico. Acho que sempre esperaram que um dia o coração dela começaria a bater, mas ele continuava tal qual uma folha seca dentro de sua caixa torácica, animada a subir e descer apenas por sua respiração. Às vezes, quando estava irritada, ficava tão quente que o papel que a cobria entrava em combustão e o plástico por debaixo começava a derreter. Eu não sabia o que dizer nessas situações. Parecia melhor apenas me calar e desviar o olhar. Por muitas vezes o plástico derretido dos braços dela se transformava em um quadro de imagens insanas: leviatãs e enormes barcos saindo de espirais e coisas ainda mais estranhas. Eu ficava olhando para os seus braços para não ter que olhar para o rosto. Nunca nos foi permitido saber o nome de nossa Gerente. (Embora alguns a chamassem de "Lastimadora".)

Os problemas no trabalho começaram depois que voltei de duas semanas de férias, que passei em meu apartamento na cidade, quando a minha Gerente mudou nossos procedimentos. Desde quando consigo me lembrar, os pedidos de besouros vinham de Leer, minha supervisora. Eu tinha feito besouros por quase nove anos dessa maneira, meu tapete do escritório repleto com suas carapaças iridescentes, a mesa ao canto sempre viva com novos projetos e gestações. No entanto, quando Scarskirt foi contratada para substituir Mord, transferido para o Recursos Humanos, nós não pudemos mais seguir com esse processo.

Preocupado, eu disse isso a Scarskirt durante um breve interlúdio, quando ensinava a ela como fazer seus próprios besouros. Ela apenas riu e disse: "Talvez uma mudança seja boa. Todos nós fazemos um trabalho tão bom, isso não deveria importar, certo?"

Gostaria de observar que "Leer", "Scarskirt" e "Mord" não são seus verdadeiros nomes. E que todos os três eram carne-e-osso, assim como eu quando os conheci. Leer parecia um pouco com uma garça, e eu a considerava uma amiga, assim como Mord tinha sido

um amigo antes de sua transferência. Scarskirt, entretanto, passava o dia se fitando nas superfícies reflexivas e bajulava tanto as pessoas que eu já estava com receio dela.

Depois que voltei das minhas férias, descobri que Leer e Scarskirt estavam dividindo o escritório e passamos a fazer tudo juntos. Agora, quando um pedido chegava, nós três éramos notificados e podíamos começar a trabalhar no mesmo projeto.

Lembro de entrar em uma reunião com a Gerente, segurando um besouro que eu tinha acabado de criar no meu escritório. Ele era esmeralda, comprido, mas estreito, flexível. Tinha antenas delgadas que se enrolavam em sensores azul-celeste nas pontas, a sua carapaça brilhante era subdividida em exatos doze lugares. O besouro teria se encaixado perfeitamente na orelha de uma jovem criança, estalando e cantarolando seu conhecimento para ela.

Mas Scarskirt e Leer tinham criado um besouro muito parecido.

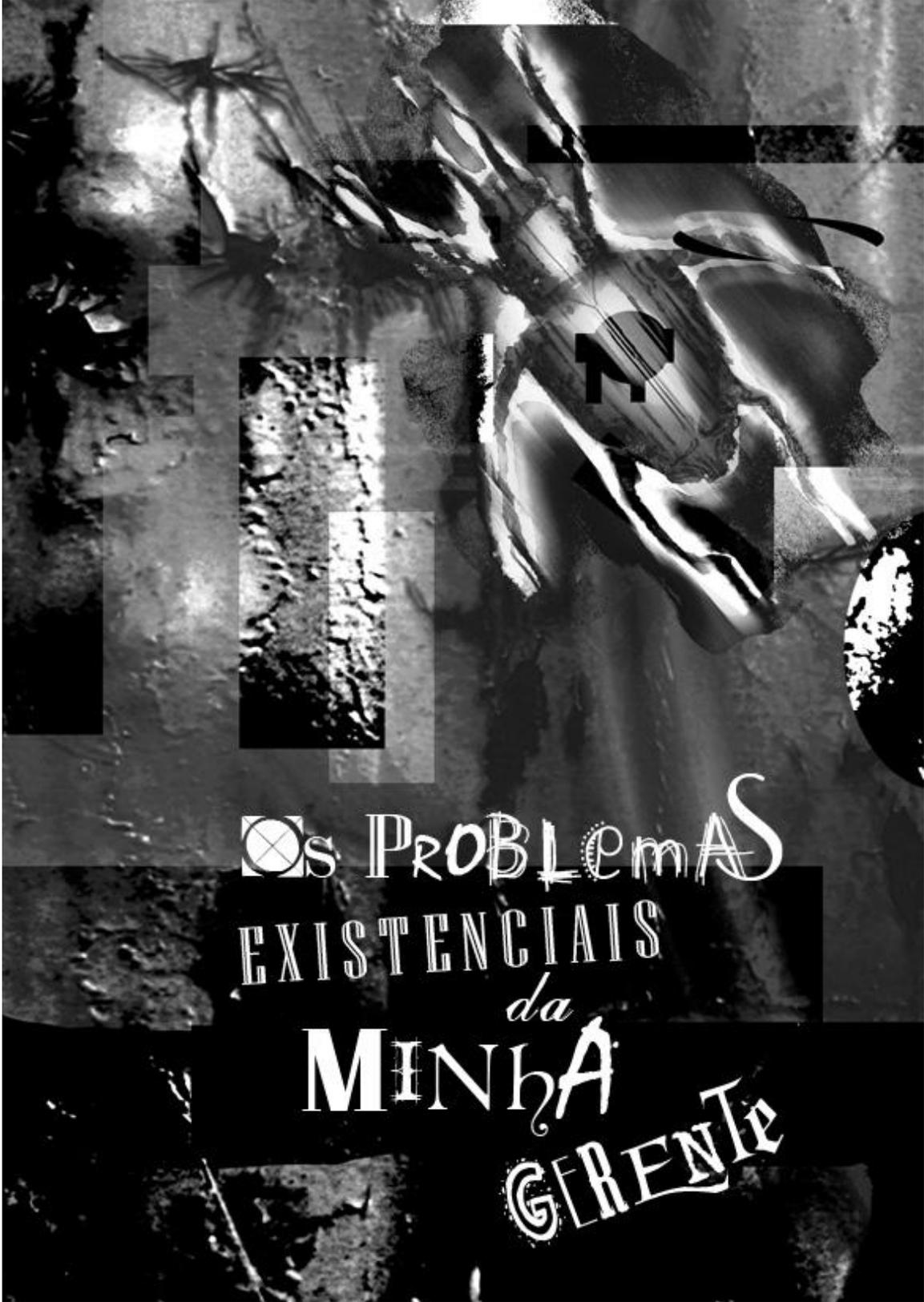
Minha Gerente imediatamente achou que era minha culpa e irrompeu em chamas.

Leer olhou para Scarskirt, que olhava para o tampo da mesa metálica. “Eu pensei que havíamos falado com você sobre isso”, Leer me disse, ainda olhando para Scarskirt.

“Não, vocês não falaram”, eu respondi, porém o momento já pertencia a elas.

Minha Gerente me obrigou a colocar o meu besouro na minha própria orelha, um claro desperdício e um ato que me causou pesadelos: com uma cidade em chamas na qual lagartos carnívoros gigantes espreitavam, comendo os sobreviventes que estavam nas sacadas. Em um momento particularmente vívido, eu estava no peitoril de uma janela quando uma mandíbula chegou bem perto, bafejando um cheiro de carne podre. Besouros destinados para as fortes e pequenas mentes das crianças não devem ser usados em adultos. Ainda nos lembramos de um mundo mais gentil e civilizado.

Após esse problema de comunicação inicial, a situação ficou ainda pior.



Os PROBLEMAS
EXISTENCIAIS
da
MINHA
GERENTE

Os problemas existenciais da minha gerente

Duas vezes por ano, minha Gerente me chamava ao seu escritório no quinquagésimo andar. Um funcionário do Recursos Humanos vinha até meu escritório e prendia uma grande lesma na minha coluna, por uma fenda especialmente projetada na parte de trás de nossos uniformes. Ela permitia que eu andasse nos elevadores e subisse até o escritório da minha Gerente sem nenhuma lembrança da experiência. Quando era hora de voltar, um representante do RH recolocava a lesma. Eu sempre achava aquilo pegajoso e suave ao mesmo tempo. É úmido, como uma ostra.

O que a Gerência tentava esconder entre o terceiro e o quinquagésimo andar? Eu não sei, mas, assim como com os besouros feitos para crianças, eu tinha pesadelos depois dessas reuniões. Nesses pesadelos, eu estava caindo em um poço sem fim forrado com milhares de corpos em decomposição. Corpos de plástico. Corpos humanos. Corpos de leopardos e de ratos, de babuínos e de lagartos. Eu podia sentir o cheiro da sua podridão, sentir sua maciez esponjosa. E meu horror se misturava com uma sensação de prazer: tantos animais em um só lugar. Um pardal, às vezes, pousava na minúscula área de grama ressequida fora do meu apartamento, mas nunca vi mais do que isso na vida real.

Todas as reuniões com a minha Gerente eram iguais. Em seu escritório, as paredes eram decoradas com agradáveis, se não banais, cenas de bosques e riachos e campos verdes saídos de algum conto de fadas. Ela permaneceria sentada atrás de sua mesa, sorrindo. Seu cabelo estaria recém-cortado, despencando em ondas loiras. O papel suave de sua pele seria trocado pelo papel crepom colorido, bastante usado em festivais de eras passadas. Eu sempre sentiria o cheiro indescritível de feromônios meramente decorativos. Por algum motivo, esse cheiro me assustava.

“Olá, Savante”, ela diria, mesmo esse não sendo meu nome.

“Olá, Gerente”, eu responderia.

Olhando de perto, seus olhos pareciam os grãos brilhantes que encontramos na sarjeta. No silêncio, eu podia ouvir as folhas em seu peito – apenas o mais leve sussurro da matéria vegetal morta ao encontrar o plástico nas laterais de sua caixa torácica. Eu ficava imaginando se essa folha se desintegrava a cada suspiro no fundo de seu peito.

“Você me ama?”, ela sempre perguntava.

Eu poderia me lembrar de uma época e de um mundo onde uma questão como essa nunca poderia ser feita.

Eu a amava?

Entre as reuniões essa pergunta se tornou a questão que preenchia minha vida. Desde que ela se tornara minha gerente, meus aumentos tornaram-se menores e menores. Meu último aumento tinha sido uma sanguessuga em formato de capacete. Tinha sido concebida para sugar todos os pensamentos ruins da minha cabeça. Ela cheirava a bacon, o que parecia promissor. Convidei Mord e Leer ao meu apartamento para fritarmos a sanguessuga. Fiz sanduíches durante uma semana com ela.

E assim, enquanto estava sentado em seu escritório, eu pensava: *Será que estou aqui por causa da forma como respondo a essa pergunta? E: Será que ela pensa que está me dando bons aumentos? E, finalmente: Se eu disser que a amo, vai ser melhor ou pior pra mim?*

“Você me ama?”

Eu sempre respondia: “Não, eu não te amo.”

Suas respostas variavam. Às vezes, minha resposta a agradava. Ela sussurrava e cantava e até borbulhava de forma satisfeita. Outras vezes, minha réplica a esgotava. Ela se sentava, olhando fixamente para o nada até eu ir embora. Algumas vezes, chamas apareciam em seus pulsos e chegavam a queimar as laterais do meu rosto. Eu nunca conseguia prever sua reação, então a princípio sempre corria para recolocar a lesma na minha coluna logo após minha resposta, querendo ter a certeza de que não me lembraria de nada. Esta parecia ser a melhor maneira de evitar a punição. Mas, depois de algum tempo, o processo se tornou tão comum que eu realmente nem me importava mais com sua reação.

Digo isso porque, seis meses antes de Scarskirt ter sido contratada, minha Gerente aumentou a quantidade de nossas reuniões. Ela me chamava ao escritório dela uma vez por mês.

“Você me ama? ”

“Não, eu não te amo.”

“Você me ama?”

“Não. Eu não te amo.”

“Você me ama?”

“Não – eu não te amo.”

“Você me ama?”

“Não. Eu. Não. Te. Amo.”

“Você me ama?”

“Nãoeunãoteamo.”

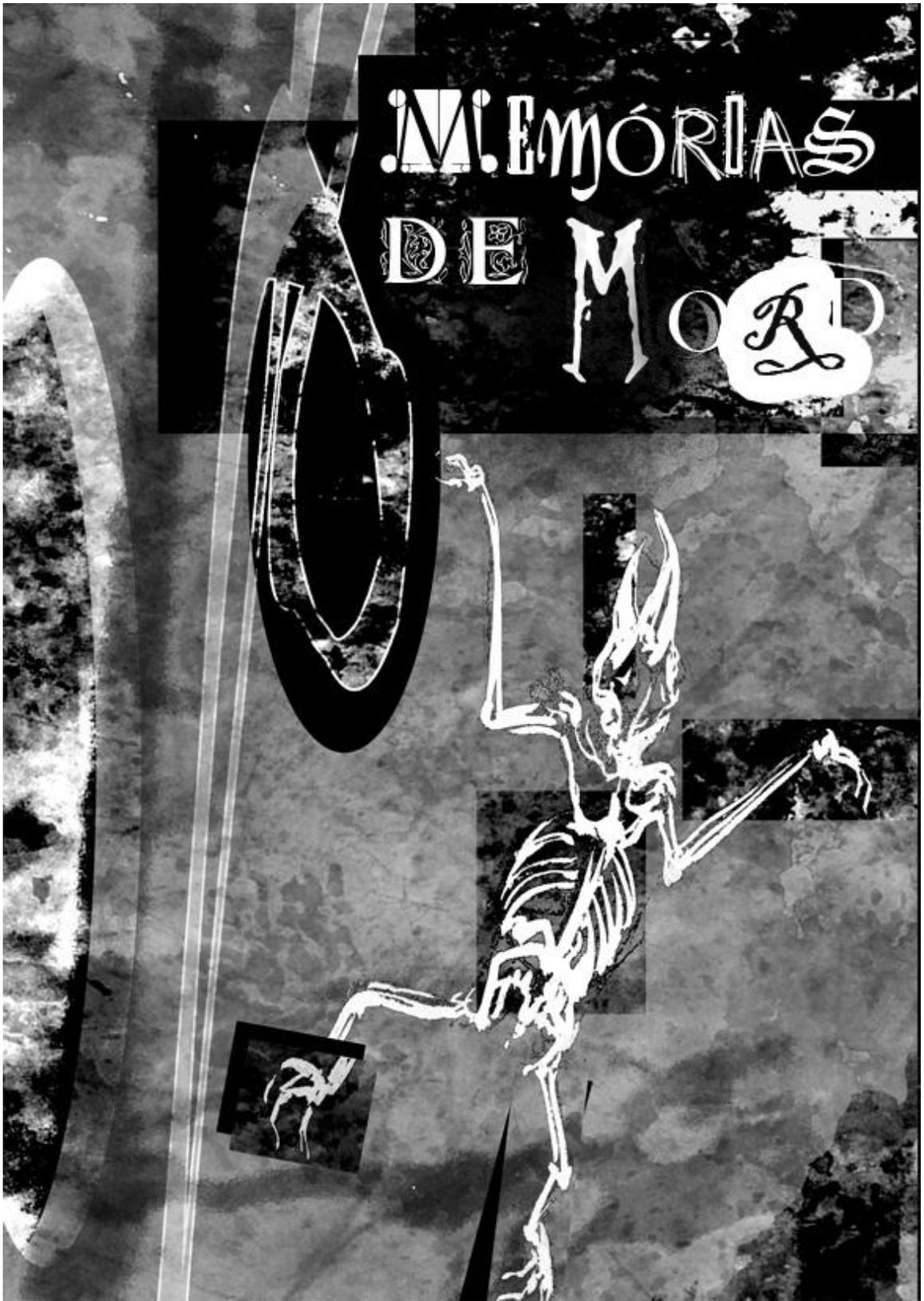
“Você me ama?”

“Não.”

Sempre me perguntei o que aconteceria se eu respondesse:
“Sim, eu te amo com todo o meu coração.”

Poderia ser pior? Sim, obviamente eu pensava que podia.

MEMÓRIAS DE MORT



Memórias de Mord

Apesar de angustiante de vez em quando, as duas semanas de férias em meu apartamento agora parecem ter sido uma calma pausa em todas as minhas preocupações – embora meia dúzia de vezes alguns saqueadores tentarem passar pelas minhas defesas e a eletricidade chicoteasse ligando e desligando, desligando e ligando.

Pensava em minhas férias como um ponto de virada na minha vida. E talvez tenham sido, pois durante o tempo em que estive fora Scarskirt e Leer ficaram cada vez mais próximas. Mas, quanto mais revejo os eventos dos últimos meses em minha cabeça, mais eu acho que o começo do fim aconteceu bem antes disso – quando Mord saiu da nossa equipe.

Pesado e forte, Mord era espirituoso e engajado antes de ir para o Recursos Humanos. Fora da empresa, muitas vezes parecia nervoso, mas, enquanto estava dentro das paredes do escritório, sua assertividade nos unia.

Lembro que, uma semana antes dele nos deixar, Mord e eu ficamos de pé na velha escadaria do prédio da empresa, com suas claraboias embutidas nas paredes, sem nos importar que estivessem encardidas da poeira e poluição. Lá fora, na cidade, era quase impossível achar um pássaro, mas o prédio era tão grande e tão cheio de recursos que um pássaro poderia sobreviver por muitos anos. Isso se ele encontrasse o andar certo.

Mord gostava de animais de verdade, visto que havia trabalhado com eles em seu emprego anterior. Num ano ele conseguiu uma contagem de setenta e cinco pardais, mais do que qualquer um na empresa. Ele me disse que amava a “funcionalidade simples” dos pardais, sua durabilidade, seu instinto de sobrevivência. Eu? Eu apenas gostava de sair com Mord enquanto ele observava os pássaros. Ou convidar a ele e Leer para o meu apartamento para olharmos minha grama amarelada, na esperança de um pássaro aparecer por lá.

Então foi um choque para mim naquele dia, quando ele disse: “Estou mudando para o Recursos Humanos”, enquanto a terra abaixo

de nós ondulava como uma língua.

“O quê?”, eu perguntei. “Você não pode fazer isso.”

“Não se preocupe. Não importa.” Ele olhou através de seus binóculos para o topo da escada retorcida em busca de um bater de asas, de um voo. “Tudo vai ser igual.”

“Vai mesmo?”, perguntei a ele num momento de franqueza. “Será que vamos continuar sendo amigos?”

Mord sorriu, os binóculos ainda grudados sobre seus olhos em um aperto possessivo. “Claro. Seremos amigos como somos agora.”

“E Leer também?”

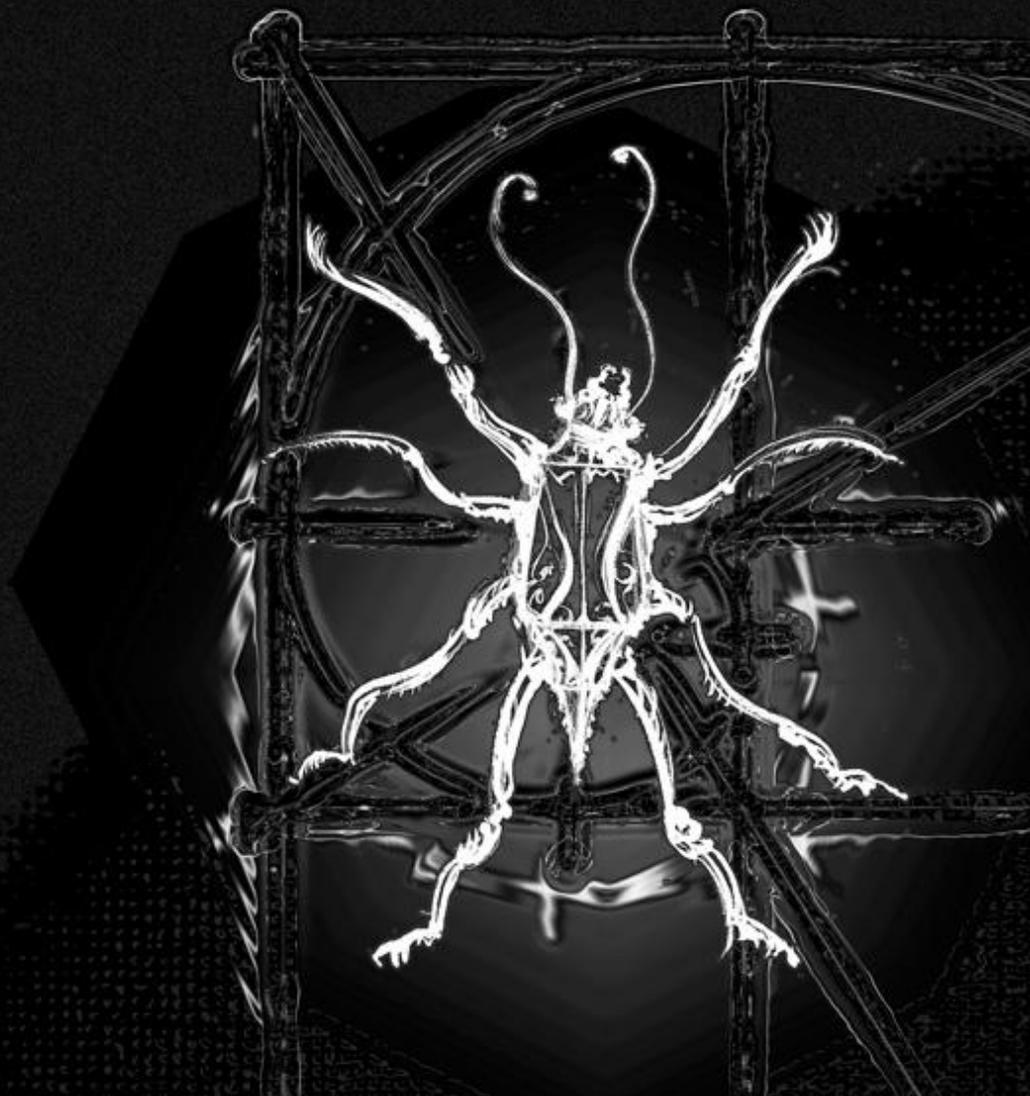
Mord riu. “Não se preocupe. Isso nunca vai mudar.”

De uma maneira estranha, acho que Mord falava sério. E isso, ao menos, é verdade: em minha mente nunca mudou, o que era parte do problema.

Nós não achamos nenhum pardal ou qualquer outro pássaro naquele dia, então, quando voltamos ao escritório, Leer e Mord fizeram um pássaro. Ele era estranho, etéreo, alongado e com uma cauda que parecia um fio de fumaça.

Eles o soltaram nas escadas e por meses nós pudemos ter vislumbres dele. Por alguma razão, eu ficava feliz cada vez que o via. Mas, um dia, eu o encontrei nas escadas. Alguém havia esmagado seu crânio.

CONFUSÃO DECORRENTE
da contínua DEGRADAÇÃO
dos PROCESSOS



Confusão decorrente da contínua degradação dos processos

Antes da contratação de Scarskirt, quando Leer ainda era minha amiga, nós costumávamos, como mencionei, designar os processos por hierarquia. Quando essa prática terminou, nós nos encontrávamos em intermináveis reuniões na cavernosa sala de reuniões no quadragésimo quinto andar. As salas se pareciam mais com os refeitórios de refugiados que eu lembrava de minha adolescência. As janelas proporcionavam uma excelente vista da cidade moribunda, para aqueles que queriam uma lembrança, mas isso era uma compensação pelo fato de que tínhamos de usar as lesmas em nossas espinhas quase continuamente e o bando de pessoas do RH tinha que estar pronto para nos escoltar no devido momento.

Mord andava entre eles, mas apenas para fiscalizar, e até então ele era bastante amigável.

O motivo para as reuniões era o novo projeto de um "peixe". Nosso principal cliente tinha pedido mais produtos com o objetivo de ajudar estudantes. O último projeto tinha sido um peixe-garoupa cinco vezes maior do que uma criança de nove anos com estatura mediana. Por nossos muitos e imersivos processos, tínhamos que fazer com que a experiência de ser engolido por esse peixe fosse educacional. O estudante seria engolido e submetido à privação sensorial no fundo das entranhas do peixe. Então o estudante seria apresentado a uma série de estímulos neurais, algo a ver com uma adaptação social adequada, mas mais adiante melhorando suas habilidades matemáticas/científicas.

Nós trabalhamos a partir do modelo em escala de carne-e-osso que eu tinha feito em meu escritório, que era ligado ao diagrama pendurado na parede da sala de reuniões onde se via o peixe-modelo, quase como um esquema de casco de navio.

A equipe tinha resolvido vários problemas técnicos. Por exemplo, o peixe seria terrestre ou aquático? Nós poderíamos criá-lo para se mover na terra usando barbatanas hipermusculares enquanto sugava ar como uma salamandra. Se continuássemos com essa abordagem, o peixe poderia ser levado para a sala de aula e o aluno poderia ser engolido durante as aulas. Caso contrário, cada escola precisaria ter um taque comunal onde os alunos mergulhariam. Eu gostei dessa solução porque as crianças poderiam usar equipamentos de natação e, assim, não arruinariam as roupas da escola. Isso também lhes daria mais privacidade.

Além da necessidade de incluir armas de defesa biológica, tivemos que considerar muitas outras questões importantes. Quais deveriam ser o formato e o tamanho das mandíbulas do peixe para aconchegar a criança e minimizar o trauma? O peixe deveria falar de maneira reconfortante para acalmar o medo da criança de ser comida viva? Ou deveria permanecer em silêncio e deixar o fardo de prover tranquilidade recair sobre o professor?

As reuniões para responder a essas perguntas enquanto desenvolvíamos o conceito básico agora envolviam toda a equipe de criação. Todos foram obrigados a contribuir e, para isso, a Gerente ordenava a todos que usássemos baratas de brainstorming. Elas eram a menor variedade de insetos buraqueiros, apropriadas para serem inaladas pelo nariz, com apenas um cheiro sulfuroso de decomposição. Um insignificante, embaralhante desconforto e depois elas liberavam seus feromônios calmantes e você poderia ver mais claramente do que nunca e as idéias saíam da sua boca mais rapidamente do que você poderia falá-las.

Esse método funcionava muito bem com moderação, mas não quando todo mundo era obrigado a usar as baratas de brainstorming. As reuniões se transformaram em um murmúrio de línguas, horas e dias preenchidos com pensamentos circulares e repetições improdutivas.

“Eu acho que deveríamos fazê-lo andaremos suas barbatanas e falar com uma voz grave de avô como aquele que me uavô tinha quando nós íamos visitá-lo no asilo,”

Leer diria, e eu diria,
"Meupaieraumhomembruscomasintensogeralmentebrotavaalgoemsuai
ndignação quemefaziaachá-
logenerosoentãoessepeixedeveriasermuitoeficienteemtocarascrianças
masmuitomas muitomaisprofundamente" e Scarskirt diria "Euacho
queopeixedeveriatermeurostoeminhavozquereleandenaterraousónade
porqueaspessasgostariamdissoesereconfortariam."

Esse grande fluxo de balbucios continuou, sem fim e sem
solução, enquanto permanecíamos eufóricos nos quartos abarrotados
dentro de nossos crânios.

Nota RELEVANTE
SOBRE A CULTURA
do ESCRITÓRIO



Nota relevante sobre a cultura do escritório

Eu não sabia nada sobre o passado de Scarskirt, tampouco conhecia o passado de Mord e Leer. Todos viemos para a empresa fugindo de alguma coisa na cidade. As pessoas tinham que ser fortes para sobreviver, e por necessidade você desconsiderava isso, olhando para o que a pessoa era *no momento atual*. Quando encontrei meu apartamento, eu trouxe comigo somente o que pude carregar a partir do desastre que estava atrás de mim e o mobíliei apenas com o que encontrei dentro dele e imediatamente do lado de fora da porta de entrada. Eu comecei com algumas roupas nas costas, um velho cão morto de pelúcia de minha infância, alguns livros que meu pai tinha me dado, meias-rações em pacotes, três enguias de memória e algumas moedas sem valor que continuamente trocavam de cor enquanto suas baterias acabavam. Tive que fazer muitas coisas das quais não me orgulho para manter essas poucas posses até a empresa me aceitar sob sua égide de proteção.

Meu ponto é que os registros hoje são sucintos, vagos ou imaginários. Scarskirt poderia ter sido qualquer uma, e foi. A única coisa verdadeira em se trabalhar nesta empresa é o seguinte: o que quer que você tenha sido antes, você poderia ser qualquer outra pessoa agora.

Meu erro, se posso chamá-lo assim, foi acreditar – pensar que um sorriso era um sorriso e não apenas um mostrar de dentes. Pensei que o ponto principal em se fazer parte de uma equipe era confiar e ser confiável.

Eu estava errado.



CONFLITO DEVIDO
A DEGRADAÇÃO CONTÍNUA
dos PROCESSOS

Conflito devido a contínua degradação dos processos

Com o passar dos meses, tornou-se claro que ninguém tinha a capacidade de tomar uma decisão com relação ao projeto do peixe. Minha Gerente não participou de reuniões suficientes para se fazer útil. Nós tínhamos as atas das reuniões, é claro. Elas eram feitas por um pedaço de carne púrpura raiado de veias, que caprichosamente se parecia com uma orelha. Esse tomador de notas ficava em um canto da sala, sobre um estrado mais alto, e imprimia suas observações no papel habitual, que refletia humor, tom de voz e intenção. Infelizmente, nesse caso em particular, as atas vinham espessas, viscosas e com um cheiro nauseantemente adocicado. Muito pouco poderia ser intuído a partir delas.

O projeto do peixe na parede da sala de reunião, indignamente vinculado aos resultados das atas de reunião, mudou para pior. Às vezes, entrávamos na sala e percebíamos a falta de uma barbatana. Às vezes, ele tinha se metamorfoseado para ter os atributos de um urso, dragão ou baleia. Certa vez, ele tinha se transformado em uma garota com um vestido de girassóis e se aconchegado em um canto escuro da sala. Ela tinha olhos de peixe, mas não era um peixe, e alguma coisa em sua postura me lembrava os familiares papel e plástico.

No dia em que entramos na sala de reunião e o peixe tinha a cabeça da minha Gerente, eu sabia que tinha que mudar o paradigma.

Cravei a faca dentro do tremeliquento pedaço de gravação de material, que relaxou na senilidade com um suspiro, e assim congelou o projeto do peixe no seu lugar na parede. Podia ter a cara da gerente, mas o resto dele estava muito mais perto da conclusão do que já tínhamos estado em meses.

“De agora em diante, eu conduzirei essas reuniões”, eu disse para Leer, Scarskirt e os outros. “Alguns de nós usarão as baratas de *brainstorming* e outros, não. Faremos o projeto do peixe à mão, na mesa de reunião, usando plástico e pedaços de carne de peixe de

autorregeneração. Não haverá mais reuniões intermináveis e nem peixe com cabeça de gerente como resultado final.”

“Isso é sensato?”, Leer e Scarskirt perguntaram juntas, palavras entrelaçadas. Scarskirt disse isso com uma ponta de desdém na voz. Leer disse em um tom entrecortado. Ela tinha um olhar assustado. Scarskirt parecia mais divertida com a ideia do que preocupada. Ela tirou sujeira e antenas de besouro que estavam debaixo de suas unhas pintadas com uma faca que parecia muito robusta para aquela tarefa tão delicada.

“Isso é sensato?”, Leer disse de novo enquanto Scarskirt permanecia calada. “Eu quero dizer, afinal esse é um projeto da Gerente.”

Leer estava sempre modificando seu corpo, mas não conseguia se decidir em que deveria transformá-lo, como se estivesse irrequieta. Eu quase podia imaginá-la se virando de um lado para o outro na cama, se transformando a cada movimento brusco. Quando fez a pergunta, Leer tinha a coloração dinâmica de um peixe-papagaio e a boca de um também.

“Talvez não seja sensato”, respondi, “mas não acho que qualquer um de nós consiga sobreviver a meses de reuniões como esta. Minhas costas estão machucadas das lesmas e estou cansado dessas viagens.”

“Talvez você esteja certo, talvez não”, Leer disse, “mas, apesar de tudo, a Gerente não vai aprovar.”

“Isso é responsabilidade minha”, repliquei, confiante em meus muitos anos de experiência.

Scarskirt não ofereceu mais nenhum comentário sobre qualquer um dos lados, mas ficou lá, olhando fixamente para mim enquanto cutucava as unhas. A lâmina, eu notei, era de dois gumes e tinha uma ponta. Não importava como o tocasse, ela o cortaria.

Por um tempo, tudo correu bem. Nós construímos o peixe à mão e ele tomou forma com um desenho coerente. Notei certa relutância

por parte de Scarskirt e Leer, mas no geral, todos pareciam felizes com meus esforços.

Daí a Gerente finalmente decidiu participar de uma reunião. Dez minutos na reunião, ela entrou em combustão e se levantou.

Nós todos nos esquivamos quando ela disse: "Era para o peixe ter a minha cara. Esse foi o último projeto que se materializou em meu escritório e nada do que vocês fizeram desde então foi mandado para minha aprovação ou é aceitável para mim de qualquer maneira."

Esse negócio de aprovação era descaradamente falso. Eu tinha enviado para ela diversas mensagens sobre as mudanças. Tinha usado o seu método favorito para enviar mensagens: pequenos e crocantes morcegos que jorravam os sabores há muito perdidos de marzipã, mousse de chocolate e torta de maçã em sua boca, mesmo enquanto você quebrava seus ossos para receber a informação.

Mas depois, quando a Gerente visitou meu escritório, professou ignorância. Disse não ter recebido nenhuma de minhas mensagens.

Mais tarde, eu viria a descobrir que Mord, que se tornara semisselvagem, tinha interceptado os morcegos enquanto voavam através de alguns corredores compridos e escuros e os tinha comido todos, depois lambendo seu focinho com grande prazer, sem dúvida. Não sei se ele os dividiu com Scarskirt ou não. Não sei o quanto a relação deles havia progredido nesse ponto.

"Inaceitável", minha Gerente disse. "Sou a líder desse projeto e o peixe vai ter a minha cara."

Todo o papel que a cobria já tinha sido queimado e, por sob a luz de milhares de pirilampos fosforescentes que eu tinha criado e meticulosamente inserido nas paredes do meu escritório ao longo dos anos, seu plástico parecia impossivelmente brilhante e laqueado, mais parecido do que nunca com uma armadura.

Depois dessa visita, tive que chamar o projeto de Projeto do Peixe-Da-Cabeça-Podre.

CRESCI^QMENTO DI
ISO^QLAMENTO
SOCIAL



Crescimento do isolamento social

Mesmo antes dos problemas com minha Gerente, eu com certeza estava me afastando de Mord e Leer, para não dizer nada de Scarskirt. Vários novos funcionários foram admitidos, alguns de carne-e-osso, outros, não. O Recursos Humanos tornou a sala de Leer maior demolindo os escritórios adjacentes – com pessoas ainda dentro da maioria deles. Esses novos funcionários tomaram posições em torno de Leer e Scarskirt, formando algo como um perímetro de defesa. Scarskirt correu ligando vermes entre todos eles, e assim se tornou amiga íntima de todos da noite para o dia. Esses vermes enganchavam-se aos seus tornozelos e possibilitavam que se comunicassem silenciosamente entre si. Ninguém pensou em me convidar, então à noite eu mandava besouros não-combatentes interceptores para tentar romper as ligações dos vermes, mas eles eram muito fortes e todos os meus besouros voltavam com as mandíbulas quebradas.

Daquele momento em diante, eu estava fora.

Complicando ainda mais o assunto, Mord, eu logo descobri, também havia se tornado parte dessa rede. Apesar de todas as suas promessas, ele tinha mudado depois que foi para o Recursos Humanos. Agora era parcialmente composto de algum animal grande e peludo, quase como um urso. Ele começou a emitir um aroma almiscarado que alguém me disse que supostamente tinha um efeito calmante sobre os funcionários. Tinha conservado suas mãos, mas elas tinham se transformado para se parecerem mais com as de um guaxinim. Seus olhos foram ampliados e reequipados para que conseguisse enxergar à noite. Nos corredores escuros de alguns andares, havia rumores de que ele rondava e grunhia e mordia o ar, como se estivesse preso em uma camisa de força.

Por um mês ou mais, Mord tinha me seguido por aí, e isso me deu esperança de que tudo voltaria ao normal. Ele não falava comigo, mas ficava parado no batente da porta do meu escritório. Esperando.

Logo, porém, descobri que não era o verdadeiro Mord. Era apenas uma sombra que Mord havia feito de si mesmo, e, por

instrução da Gerente, uma dessas havia sido destinada a cada um dos funcionários. Depois de um tempo eu ignorei a sombra de Mord e ela foi embora.

Quanto ao verdadeiro Mord, raramente vinha ao nosso andar e, se viesse, era para visitar o escritório de Leer. Só o via se tivesse negócios oficiais para resolver comigo.

Quando sugeri que fosse ao meu apartamento um dia, ele me ignorou.

Quando sugeri que fôssemos procurar por pardais, ele me ignorou.

Para todos os efeitos, Mord havia me abandonado. Havia se transformado em Outro.

Você deve perceber quanta angústia tudo isso me fez sentir. Tudo o que tínhamos eram os relacionamentos dentro da empresa. Todas as informações vinham de uns para os outros. O que esperava por nós a cada noite na cidade, não suportávamos descrever.

Esses funcionários haviam estado em meu apartamento. Eu tinha compartilhado meu aumento com eles. Tinha passado os feriados tanto na casa de Mord quanto na de Leer, apesar do perigo das ruas. Nós tínhamos feito caminhadas pelos edifícios da vizinhança como desculpa para almoços longos. Mord dividiu comigo a triste situação de sua esposa meio plástico, meio carne. Leer contou sobre sua infelicidade em casa, com um marido que preferia enfiar enguias de memória em seu reto a passar algum tempo com ela. Eu tinha partilhado minha solidão, de como era difícil encontrar o amor se alguém não o tivesse trazido com ele enquanto fugia da desintegração do mundo. Tinha mostrado a eles as poucas fotografias que eu ainda tinha de meus pais durante suas férias em algum lugar exótico perto do mar, colunas de mármore atrás deles. As ruínas de seus sorrisos desbotados, os quais tinha que interpretar tanto. Nós tínhamos falado tanto sobre o quanto perdemos da rigidez dos velhos tempos, o quanto a qualidade fluída do que acontecia agora, em casa e no escritório, nos assustava, não importando o

quanto tentássemos negar. Como ninguém que tivesse nascido agora poderia entender o quão diferente tudo tinha sido, uma vez.

Por essa razão, por termos sido tão chegados por tanto tempo, culpo Scarskirt pelo meu isolamento crescente. Era lindíssima e animada e todos a amavam, mas agora acredito que ela escondia uma ferida secreta de nós, que já estava marcada muito antes de nos conhecermos. Que nunca ligou para ninguém e cobiçava meu trabalho desde o momento em que foi contratada, apesar de minha simpatia. Apesar de eu ser tão aberto. Apesar do fato de eu ter dividido todos os meus besouros de treinamento com ela. Não alterei um único antes de entregá-los a ela. Três ou quatro empregados morriam todo ano de besouros envenenados dados por seus treinadores. Mas eu a tinha aceitado em meu grupo, sem maldade em meu coração.

No entanto, minha confiança agora significava meu isolamento. Meu único consolo vinha do meu escritório, onde ainda controlava meus besouros, e a cabeça falante de crocodilo que fiz me contava piadas quando me sentia deprimido.

Ainda podia me comunicar com os outros de uma maneira limitada, recorrendo à pequena piscina em minha mesa. No fundo da água ficava um linguado, modificado de modo que as mensagens brincassem de lá para cá pelo branco sobrenatural de suas costas, a doce salmoura cheirando a conforto. Eu gostava de trabalhar em meu escritório por horas sem nenhum contato externo, contente de falar com meu diminuto círculo de amigos espalhados pela empresa. Era, de algum jeito, como estar em meu apartamento, porém mais seguro.

Assim, cercado, trabalhava na minha pequena parte do projeto do peixe. Minha Gerente tinha decretado que eu continuasse consubstanciando a barbatana dorsal e eu tinha resolvido que, com um trabalho meticuloso e paciente, fazia dela um produto tão perfeito que ninguém, ao vê-lo andar por um corredor de escola, poderia lembrar-se de qualquer outra coisa além da perfeita geometria de minha contribuição.



Um Novo
Gerente em
um **VELHO**
Paradigma

Um novo gerente em um velho paradigma

De vez em quando eu ouvia um arroteo pavoroso ou um estrondo, muito distante, vindo de cima, e me lembrava da larva monstruosa que se inclinava sobre nós, e nessa lembrança percebia novamente que minha Gerente não estava excluída da hierarquia da empresa. Acima do escritório dela, no quinquagésimo andar, havia mais dez andares. Os cinco últimos andares consistiam de uma vasta e ondulada larva de besouro que continuamente devorava sua própria carne autorregenerativa. Dentro dessa larva residiam os proprietários da empresa, que tinham sido anexados à sua suculenta carne e leite. Era a criação mais fina da empresa. Nada poderia chegar a eles lá dentro. Não era conectada por vermes. Nenhuma sanguessuga ou lesma era permitida em seu interior.

Uma vez, os remanescentes de um governo tinham atacado a larva, mas as armas deles ricochetearam na sua lustrosa e impenetrável pele. As infiltrações das legiões dos de carne-e-osso foram muitas, mas eles foram deslizados ou repelidos pelo revestimento de veneno na pele da larva. Grandes parasitas que mantinham a pele da lesma limpa comeram seus restos.

Agora, em sua infinita sabedoria defendida pela larva, os proprietários decidiram mandar um segundo Gerente para o nosso andar. Seu nome era um segredo, é claro, mas Leer deu-lhe o apelido de "Soneca", porque ele era grande e peludo como Mord. Só não era tão imprevisível.

Esse desenvolvimento não agradou minha Gerente. Soneca passou a frequentar cada vez mais nossas reuniões, enquanto que para ela eram dadas outras tarefas. Ela ainda era nossa Gerente de pessoal, mas rumores diziam que nós acabaríamos passando para a equipe de Soneca.

Durante todo esse período ela continuou a me chamar à sua sala e perguntar se eu a amava. Eu continuei lhe dizendo que não. Ela parecia agitada, indisposta – ainda mais quando Soneca finalmente decidiu colocar fim ao projeto do peixe. O peixe com a cara da minha Gerente foi rejeitado, o protótipo foi solto para viver ou morrer

perambulando em corredores distantes. Eu tinha uma imagem dele no olho de minha mente, procurando por restos e coaxando recados para si mesmo, desprovido de qualquer finalidade educacional a não ser a sobrevivência, realizada na companhia de sua magnífica barbatana dorsal.

Fiquei triste por ele. E simpatizei com o peixe, pois em pouco tempo Soneca ligou-se aos vermes da rede de Leer e começou a ignorar a mim e minhas sugestões. Mais dois funcionários foram transferidos para o que agora era efetivamente o escritório de Scarskirt. Eu era o único membro da equipe criativa fora do escritório. Scarskirt frequentemente visitava Soneca no quinquagésimo andar e voltava com sua lesma pulsando e um sorriso débil em seu rosto vago.

Por essa razão, da última vez que Soneca veio ao nosso andar, eu o interceptei e o convidei para me visitar em meu escritório. Depois de uma hora conversando com Leer, Scarskirt e o resto, ele finalmente parou de pé, relutante, em minha porta. Ele era tão grande como duas pessoas normais e tinha um único fio de cabelo que crescia de forma circular do meio da sua cabeça até o queixo e seguia caindo pelo peito. E cheirava a feijão e queijo derretido.

“Do que você precisa?”, ele perguntou. “Eu tenho reuniões para ir.”

“Estou tendo problemas com a comunicação”, disse a ele. “Os outros estão discutindo projetos e tendo ideias e indo almoçar sem mim. Eu preciso ser ligado pelo tornozelo como o resto deles. Como posso ser proativo se sou ignorado?”

Soneca franziu a testa. “Você não está sendo ignorado. Nada de importante está sendo discutido. Você ainda participa das reuniões de status e nós discutimos tudo lá.”

Sim, as reuniões de status. Durante estas reuniões eu agora aprendia o que Leer e Scarskirt e os outros tinham decidido durante a semana anterior. Eu era informado da falta de papel que teria na próxima semana. Eu encarava Leer, querendo muito que ela me encarasse de volta, para entender pelo olhar triste em meu rosto o quanto aquilo tinha me machucado. Mas ela nunca o fez. Scarskirt me olhava, no entanto. Uma espécie de olhar de medição. Uma

avaliação. Eu não gostava da dureza daquele olhar, dado uma vez enquanto ela contava uma piada. Um vislumbre roubado para testar minha determinação.

Tentei argumentar com Soneca, mas ele me cortou. "Nós podemos sempre lhe dar outra sanguessuga se você quiser, para curar o seu desconforto", ele disse. "Mas não se preocupe, todos nós valorizamos você."

Ele saiu e, cinco minutos depois, estava rindo e brincando com Leer e Scarskirt.

Agora eu tinha que mandar os meus besouros como espiões. Só assim descobria o mínimo do que estava acontecendo, só assim poderia fazer meu trabalho. Mas os besouros não são feitos para serem espiões, pois são criados para disseminar informação, não capturá-la. Apesar de todos os meus esforços para mudá-los, a maioria fazia um trabalho ruim. Vários nunca voltaram e eu tinha que destruir os outros que tinham sido violados por Scarskirt para que não infectassem o resto.

Eu não podia mais reclamar com Mord. Tinha descoberto que ele estava longe de ser meu amigo. Enquanto procurava consolo no isolamento, deparei-me com Mord e Scarskirt em uma parte esquecida do terceiro andar, no meio de ruínas bolorentas que pareciam ser de uma catedral obsoleta. Eles estavam em cima de uma plataforma bamba decorada com folha de ouro, inclinando-se um para o outro, conectados nas testas pelo sifão desencarnado de um molusco de pescoço comprido. Eu os observei por meia hora, notando a felicidade intensa em seus rostos. Podia ver que estavam longe, muito longe. O Mord agora era muito mais animal do que de carne-e-osso. Podia sentir seu almíscar mesmo do meu esconderijo.

Comecei a chamá-lo de "o Mord", como muitos outros.

INACÍVAVE L
DESRESPEITO PEL
BOA PRÁTICA



O inaceitável desrespeito pela boa prática

Um dia, um projeto foi apresentado em uma reunião de status e ele tinha o rosto de um de meus amigos distantes, "Winterlong", parecendo folgado e abatido. A coisa-gato com pernas de pombo miou e o rosto de Winterlong se contorceu em um miado.

Eu fiquei chocado. Tinha acabado de falar com ele naquela manhã.

Depois da reunião, eu chamei Leer de canto. Ela estava usando uma jaqueta rosa ridícula feita de escamas vivas de tubarão que Scarskirt tinha lhe presenteado. Tinha desfilado com ela a semana inteira, encantada com os rejeitos de sua colega de trabalho.

"Aquele era Winterlong", eu disse. "Massacrado."

Scarskirt chegou por trás de nós sem nenhum aviso. Ela falou antes que Leer pudesse responder.

"Não seja ridículo ou paranoico", Scarskirt disse. E riu, mas não era sua risada simpática. Era mais como a risada de um cavalo. Seus olhos estavam arregalados e brilhantes e a lâmina do seu sorriso me cortava.

"Você está imaginando coisas", Leer respondeu, olhando para Scarskirt. Ela suspirou. "Aquele não era Winterlong. Não mesmo." Mas seus olhos estavam úmidos e sua voz era fraca e triste.

Os objetos de uso pessoal de Winterlong apareceram em cima da mesa de Scarskirt pouco depois.

"Ele não tinha parentes", Scarskirt explicou durante a reunião de status seguinte, batendo seus olhos em Soneca, que fez um som como se estivesse tendo o orgasmo mais preguiçoso do mundo.



O PRIMEIRO DE
MEUS ESFORÇOS
PROATIVOS

O primeiro de meus esforços proativos

Certa vez, quando as coisas ainda eram boas, Leer e eu dividíamos besouros. Nós tínhamos inclusive criado alguns apenas por diversão. No almoço, nos esgueirávamos por trás do prédio da empresa com um cobertor e sentávamos na colina logo adiante, olhando para um aterro devastado cheio de brilhantes carcaças de abutres e, além disso, a cidade em toda a sua estranha mistura de perigo e vulnerabilidade. A grama estava mais amarelando do que morrendo. Uma árvore seca ficava no topo da colina naquela época. Nós comíamos biscoitos e velhas latas de carne desfiada, o cheiro naquele contexto quase insuportavelmente tentador.

Depois do almoço, abríamos as caixinhas de vidro que continham nossos besouros. As brilhantes carapaças verdes e carmesins se abriam como excêntricas tampas de porta-joias para revelar suas asas douradas e nós os libertávamos para o mundo.

Aqueles besouros continham cada coisa alegre que já tínhamos conhecido e amávamos vê-los voar para o infinito.

“A risada seca de meu pai!”, eu gritava.

“A carranca de escárnio de minha mãe!”, Leer respondia.

“A cor desbotada da capa de meu livro de rimas infantis!”

“O gosto real de sopa de batata!”

“A sensação de maciez de lençóis limpos de mil fios!”

“A dor nos músculos depois de jogar taco!”

Nossas vozes iam diminuindo e diminuindo até que eu estivesse sussurrando coisas como “o cheiro da loção de barbear de meu pai quando ele descia para me abraçar”.

Depois, ficávamos em pé lá, arrastando o silêncio, e obtínhamos uma grande satisfação em pensar em quem os acharia e que impacto eles teriam em seus descobridores. Às vezes, até tínhamos lágrimas em nossos olhos.

Consigo lembrar Leer dizendo uma vez: “Essa colina me faz feliz.”

Assim foi que, quando decidi me tornar proativo no meio da minha grave situação, convenci Leer a se juntar a mim na colina, “pelos velhos tempos”.

A grama tinha quase sumido, assim como a árvore. Minhocas se contorciam e morriam na terra nua. O dia estava frio e cinzento, a cidade não suportava ser olhada. O som abafado de explosões e o cheiro de fumaça e intensa podridão contavam sua história bem demais. Nós ficamos de pé lá e viramos nossas costas para a cidade, olhando para o prédio da empresa, e procuramos por vislumbres da larva gigante, perdida nas nuvens baixas.

“O que aconteceu, Leer?”, perguntei a ela. “Eu não mudei. Ainda sou o mesmo que sempre fui.”

Leer se recusou a olhar para mim. Ela estava com os braços cruzados, olhando fixamente para as janelas vazias à sua frente. Nesse dia, ela tinha revisitado sua verdadeira forma. Não havia nenhum artifício nela.

“Você está imaginando coisas”, Leer disse.

“Assim como imaginei o rosto de Winterlong”, eu disse.

“Sim”, ela respondeu, mas tão baixo que quase não consegui ouvi-la.

“Leer, eu sei que as coisas mudaram. Não é minha imaginação. Nós éramos tão unidos.”

“Você sabe”, Leer disse, “o quanto eu odeio este lugar. Odeio meu trabalho. Odeio estar aqui. E odeio o mundo lá fora.”

Estremeci com aquilo. Pensando no passado, no passado distante, antes de tudo aquilo – ela estava certa: quem poderia suportar aquilo? Às vezes eu me perguntava se tínhamos mandado aqueles besouros não para ajudar os outros, mas para nos ajudar a nos livrarmos do horrível peso das lembranças felizes.

“Sei que você odeia isso”, falei. “Já sei disso há um bom tempo. Não sou estúpido. Mas o que isso tem a ver comigo?”

Leer respondeu: “Por que você luta contra isso? Por que se preocupa com isso?”

“No passado, nós éramos todos amigos”, eu disse.

“Não pode mais ser assim. É só trabalho.”

“Mas por quê?”

Leer apenas encolheu os ombros.

Acho que chorei um pouco depois e Leer ficou com pena de mim e disse: "Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem, eu tenho certeza. Quando formos subordinados ao Soneca. Daí tudo vai ficar bem."

Então, nós dois notamos que o Mord se aproximava da colina. Ele era maior do que eu me lembrava e seu pelo grosso tinha um brilho marrom-dourado. Seus olhos e suas presas destacavam-se ainda mais.

O Mord não estava subindo a colina. O Mord estava levitando acima da colina, sem esforço.

Expeli minha respiração toda de uma só vez.

Leer empalideceu e uma expressão de terror tomou conta de seu rosto.

"Eu não conseguiria suportar ser desconectada dos vermes", ela sussurrou para mim. "E Mord pode ler lábios."

Ele estabeleceu-se em nossa frente. Mesmo sentado na ladeira, era mais alto que nós e sua sombra desenrolava-se sobre nós e sobre todo o topo da colina. E por somente um segundo tive a curiosa impressão de ter visto um rosto humano sobreposto às características animais.

Depois eu vi a sugestão de um movimento atrás dele, no pé da colina. Scarskirt estava lá de pé, braços cruzados, pernas afastadas, como uma sentinela silenciosa.

Leer me olhou nos olhos e disse: "Nós não queremos mais você aqui. Nós não somos os mesmos. Você mudou. Você não faz mais um bom trabalho."

O Mord soltou um rugido que injetou sangue em seus olhos enlouquecidos, fora de suas órbitas, e achatou meu cabelo contra os lados da minha cabeça. Em seu hálito eu podia sentir o cheiro de mil tipos diferentes de podridão. Podia sentir o fedor da empresa inteira.

REUNIÕES AD HOC,
MAIS PROCESSO
□□ de ABNEG-



Reuniões *ad hoc*, mais processo de abnegação

Logo após o encontro com Mord, minha Gerente começou a me visitar por outras razões sem ser para me fazer sua eterna pergunta. Ela entrava em combustão perto do final do dia e começava a vociferar, com a saliva voando de sua boca. Às vezes a linguagem parecia exótica para mim. Às vezes eu conseguia entender as palavras, mas o contexto era incompreensível. Outras vezes, não tinha nenhuma palavra, só gritos e guinchos e grunhidos.

Seu corpo se contorcia durante essas reuniões, como um trapo molhado sendo torcido. Ela tinha se tornado tão impossivelmente magra que seus olhos pareciam cavernas em seu rosto. O cheiro de plástico queimado molhado agarrava-se a ela. Seu cabelo tinha caído e sempre usava perucas diferentes, algumas vivas, outras mortas.

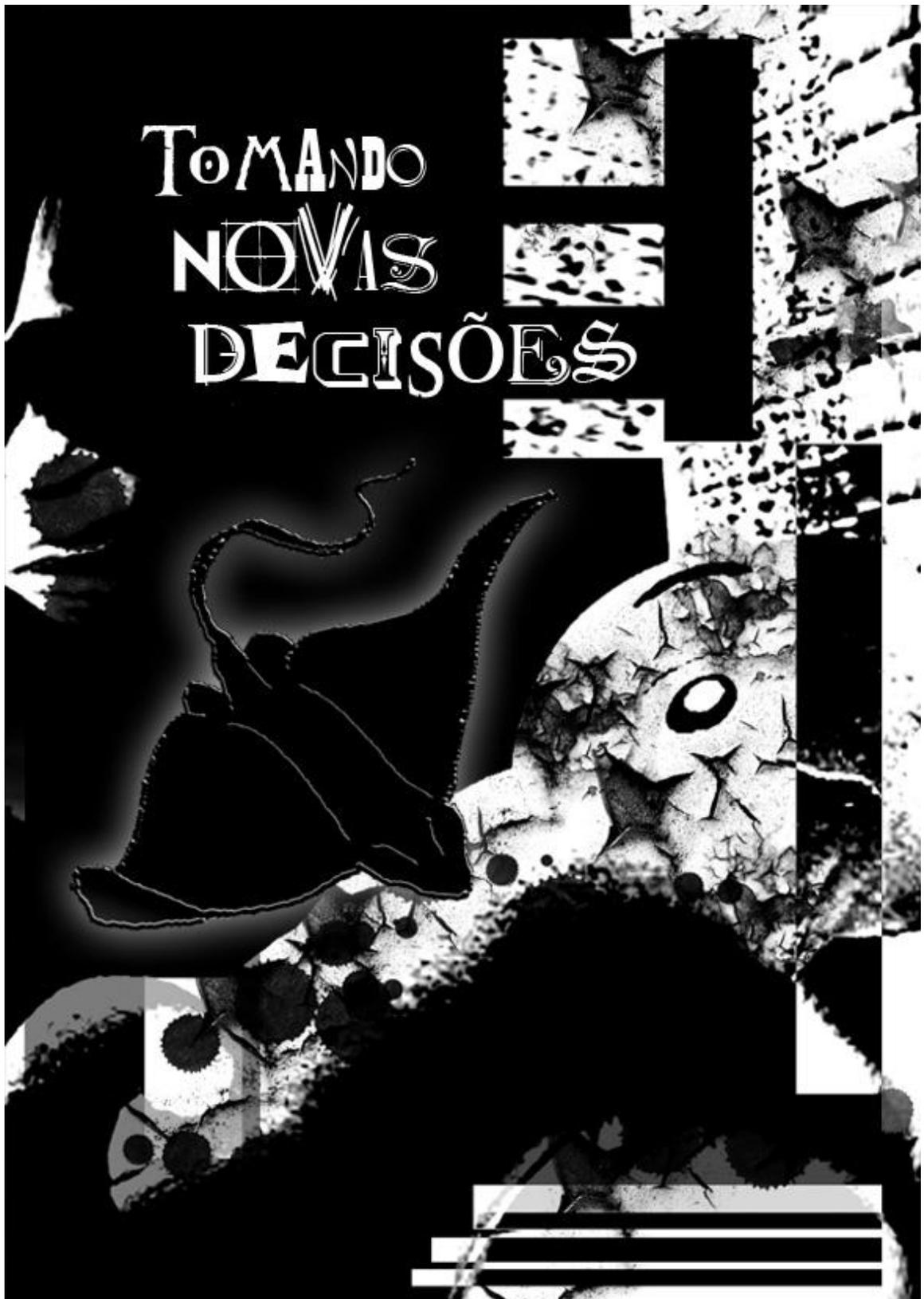
“Não sei como ajudar você”, eu lhe dizia, verdadeiramente preocupado com ela. No contexto de minha situação atual, pensava que ela era, se não uma amiga, então, pelo menos, não uma inimiga.

Aqueles meus besouros espiões que sobreviveram à mudança de finalidade gravaram uma variedade de imagens nas miríades de salas e corredores do terceiro andar. Uma das de maior apreensão envolvia minha Gerente. Eu a tinha visto, pensativa e chorando em silêncio, andando por um piso de mármore rachado, só para parar e dar um grito de surpresa. Curvando-se em sua direção, em um abandono molhado, surgiu o peixe com seu rosto, e naquele momento em que o animal se aproximou eu vi uma imagem que me perseguiria: o choque da minha Gerente registrado simultaneamente nos dois rostos idênticos. Tenho certeza de que essa foi a primeira vez que ela soube da descontinuação do projeto do peixe.

Quanto às reuniões *ad hoc*, ela invariavelmente saía trovejando do meu escritório e meu mal-estar se tornou crônico, pois sabia que era incapaz de lhe dar qualquer tipo de consolo.

Talvez o único conforto seria se Soneca fosse sugado de volta para as distantes nuvens perpétuas tocando a larva gigante da empresa, para nunca retornar.

TOMANDO
NOVAS
DECISÕES



Tomando novas decisões

Meus besouros continuavam a me trazer informações truncadas, mas a maioria delas só me deprimia ainda mais. Um relatório ao qual assisti enquanto estava em casa, em meu apartamento, mostrava Scarskirt perseguindo o projeto do peixe e esfaqueando-o até a morte. Sua faca cortava, descendo, subindo, descendo, subindo, descendo no peixe enquanto ele tentava fugir dela cada vez mais lentamente, jorrando um sangue verde espesso. O olhar de Scarskirt era tão beatífico e calmo como em nossas reuniões de status. Quando o peixe caiu morto, suas grandes rugas de carne exposta estremecendo, Scarskirt avançou e cortou fora a cópia do rosto da Gerente. Depois ela arqueou-se e mostrou a cabeça para o meu besouro, para que eu tivesse uma boa visão dela, gotejando, pálida e elástica. Ela estava rindo, é claro.

Depois de assistir a tudo, meu nível de estresse aumentou exponencialmente. Fiquei com tanto medo que comecei a andar armado. Com besouros-rinoceronte gigantes, improvisei simples armas de projéteis que disparavam os restos de besouros menos afortunados ou antiquados estilhaços que achei nas ruínas da catedral. Moldei besouros coprófagos em granadas bolorentas, usando o líquido espremido de meus morcegos-mensageiros como combustível. Delimitei zonas com padrões nauseabundos do lado de fora de meu escritório, para desencorajar visitantes de carne-e-osso. Inventei uma camuflagem sutil para mim, me revestindo com os mesmos vagalumes que revestiam minha parede, assim nem sempre estava claro se eu estava em minha sala ou não.

“Lembra quando”, era como eu começava todas as conversas com meus colegas durante as reuniões de status, apesar de eles não gostarem disso. Scarskirt se tornou abertamente insolente e Leer seguiu seu exemplo. Scarskirt incentivava Leer a mandar besouros para preguiçosamente, quase que de brincadeira, atacar as defesas do meu escritório, para que eu fosse forçado a gastar recursos repelindo-os.

“Tudo vai ficar bem”, Scarskirt me assegurava na sala de descanso, de manhã, e eu me mantinha a distância.

À tarde, ela passava por mim no corredor enquanto eu recuava e dizia espalhafatosamente: “Por que suas mensagens são tão abusivas?”, mesmo que eu não tivesse me comunicado com ela.

Leer, ao contrário, era profissional quando eu a encontrava no caminho para o banheiro, mas era o tipo de profissionalismo que se menospreza em um suposto amigo. Ela mudava sua aparência três ou quatro vezes pela manhã naquela época. Algumas vezes, me dava um meio sorriso doentio, como se tivesse sido pega em uma mentira monstruosa.

Um dia eu pude jurar ter ouvido um gemido vindo da escuridão que era o alto forro do meu escritório. O teto parecia quase vivo. Eu disse a mim mesmo que estava paranóico, mas naquela tarde senti uma rajada de vento e uma arraia negra gigante desprende-se e voou para fora da minha porta, para dentro das sombras. Aquele tipo de criatura estava muito além do nível de habilidade de Scarskirt, até mesmo da de Leer. Só poderia estar se reportando ao Mord.

Agora eu via as características quase irreconhecíveis do Mord nas costas do linguado pelo menos duas vezes por dia. Aqueles olhos gigantes me olhando com alguma paixão irreconhecível estampada em suas superfícies. Algumas vezes ele falava e dizia em uma voz sepulcral: “Você nunca amou sua gerente” ou “Você deve parar de perseguir Scarkirt”. Outras vezes eu intuía um olhar suplicante, triste em seu rosto enquanto ele murmurava coisas como: “Me ajude. Me ajude, Savante.”

Mas eu não confiava mais nele.

Como poderia?

ALTERAÇÕES
ADICIONAIS USADAS
PARA ME

ISOLAR



Alterações adicionais usadas para me isolar

Em uma incitação de Soneca, talvez ajudado por uma sugestão de Scarskirt, todos da equipe criativa, exceto eu, foram alterados para que pudessem compartilhar certos atributos uniformes. Esses atributos incluíam exoesqueletos verdes pelos quais os rostos familiares eram vistos como se através de um cemitério escavado de crustáceos. Um persistente aroma de lima se tornou comum a eles. A rede de vermes se tornou móvel para que continuassem conectados em qualquer lugar que fossem. Soneca os levava pessoalmente às salas de lazer da empresa, evitando tanto o Recursos Humanos como as lesmas para mostrar sua confiança em todos. Eles até começaram a falar uns iguais aos outros. Todos começaram a falar como Scarskirt.

Eu não sabia como me sentia ao ser deixado de lado nessa fase de aquisição de direitos. Não sabia como a minha Gerente se sentia ao ser deixada de lado também.

Em meus pesadelos eu flutuava em um mar de caranguejos estraçalhados e partes de lagostas, a milhas da costa, debaixo de uma lua vermelha ardente. Ao meu lado o cadáver do projeto do peixe flutuava também, seu rosto balançando perto dele, ainda gritando na morte.



MEU ARQUIVO PESSOAL:
MAIS TENTATIVAS
de SER PROATIVO

Meu arquivo pessoal: mais tentativas de ser proativo

Apesar de todas as pressões que detalhei, completei vários projetos de besouros legítimos, acumulando elogios, mesmo de má vontade, de Soneca, que de outra maneira eu nem mesmo via. Dessa forma – através da qualidade de meu trabalho – eu esperava preservar meu emprego.

Também decidi visitar meu arquivo pessoal no porão. Essa era uma das regalias por se trabalhar para a empresa, especialmente porque isso não obrigava o Mord ou outro membro do Recursos Humanos a me acompanhar. Eu esperava que meu arquivo me desse algum indício, alguma nuance, que poderia me guiar para fora de minha situação cada vez mais perigosa.

O elevador que descia era aerodinâmico e rápido e não tinha sido usado para nenhum experimento da empresa, o que era um alívio. Quando cheguei ao departamento de registros, um atendente usando uma máscara cirúrgica me levou até a sala correta. Minha caixa, do tamanho de um homem, estava empilhada entre milhares de outras, todas de vários tamanhos, todas lacradas com os mesmos pequenos buracos para respirar. Latidos e fungadas vinham de algumas caixas, trinados de pássaros de outras.

Embora o atendente tivesse pelo menos um metro e oitenta de altura e fosse feito de músculos e aço, ele grunhiu com o esforço feito para pegar minha caixa e colocá-la na mesa à minha frente.

Já haviam se passado oito meses desde que eu visitara meu arquivo pessoal. Naquele dia, eu o havia levado para um passeio na pequena colina e alimentado-o com alguns regalos cuidadosamente acumulados. Tinha me aberto para ele e contado coisas sobre meu pai, minha mãe e minha jornada árdua até a cidade que nunca contara a ninguém antes. Lembro-me disso como de me aliviar de um fardo, uma experiência catártica.

Eu abri a caixa.

Dentro jazia o cadáver irreconhecível de meu arquivo pessoal. Qualquer um que não estivesse familiarizado com ele teria visto somente algum tipo de mamífero gigante. Podre. Larvas brancas

rondando por entre as massas de intestinos, órgãos, tendões e tecido macio com um movimento estúpido como o dos dedos de um bebê. Minha carne ficou gelada e acho que parei de respirar por um tempo.

Havia muitas, muitas facadas. Eu já tinha visto aquele tipo de marcas antes.

Além do medo, um sentimento de tristeza se abateu sobre mim. A morte parecia tão vingativa e tão desnecessária.

“Você ainda quer tirá-lo daqui – ou talvez examiná-lo?”, o atendente perguntou, oferecendo um par de luvas.

“Não”, respondi. “Não há necessidade.”

Tudo estava bem claro.

O
COMEÇO
DO FIM



O começo do fim

Pego na armadilha, eu não poderia recorrer ao Mord, Leer, Soneca ou minha Gerente. Se eu me entregasse à misericórdia de Scarskirt, sentia que certamente terminaria como Winterlong. Sonhava em pedir demissão, mas não conseguia ver futuro além da empresa. Por um tempo, tentei desesperadamente agir normalmente, mas era difícil diante das circunstâncias.

Depois da minha visita ao meu arquivo pessoal, a arraia negra cobria meu teto o tempo todo. Tudo o que eu podia ver nas costas do linguado era a espessa cara quadrada do Mord, seus olhos enormes me encarando, inescrutáveis. A imagem nunca falou comigo, mas estudei aquele rosto por longos minutos, tentando decifrar alguma mensagem ali. Tudo o que realmente conseguia ver era como os olhos ainda mantinham a essência do velho Mord – como, se olhasse por tempo suficiente, eu poderia acreditar que ainda olhava para uma foto do meu velho amigo em um traje de urso. O Mord que era sempre rápido com uma piada e não achava nada melhor do que passar o almoço em uma escada com uma garrafa térmica de café e um par de binóculos.

Continuei fazendo besouros em uma velocidade feroz, tanto para me proteger quanto para provar que ainda trabalhava na empresa.

Não recebia mais mensagens de outros funcionários.

Nem conseguia fazer com que Leer ou Scarskirt ou até mesmo Soneca notassem minha presença.

Comecei a viver de memórias. Via os dedos longos e brancos de meu pai quando ele se sentava ao piano na casa antiga que eu lembrava somente pelas poucas fotografias sobreviventes. Ou via minha mãe jogando xadrez com ele, encurvada sobre o tabuleiro com uma concentração intensa. Ou conversas com Leer de anos atrás que tinham me feito rir. Ou do olhar do Mord quando ele tinha o vislumbre de um pardal, que iluminava seu rosto e o fazia parecer uma criança.

Se me concentrasse suficientemente nessas imagens, acho que acreditava que poderia sobreviver a tudo aquilo.



Richard Diegenes

OUTRA REUNIÃO
COM MINHA
GERENTE

Jenga

Outra reunião com minha gerente

Uma noite, depois da arraia ter voado para fora, a Gerente entrou em minha sala e se sentou. Parecia cansada e tão magra que pela primeira vez achei que talvez estivesse morrendo. Seus olhos estavam tão fundos em suas órbitas que eu quase não podia vê-los, exceto por um insignificante reflexo, um cintilar dos brancos. Ela cheirava a lima, então eu soube que tinha acabado de visitar o resto da equipe.

“Vou te dar um aumento”, minha Gerente disse, mas não parecia feliz por isso.

Ela tirou um objeto do bolso e o colocou em cima da minha mesa. Era uma bola amorfa de carne fresca com um pequeno sapo marrom dentro.

“Isso fará com que tudo seja como era antes. Soneca e eu fizemos juntos. Para você. Basta comer amanhã de manhã e você se sentirá muito melhor”.

“Obrigado”, eu disse.

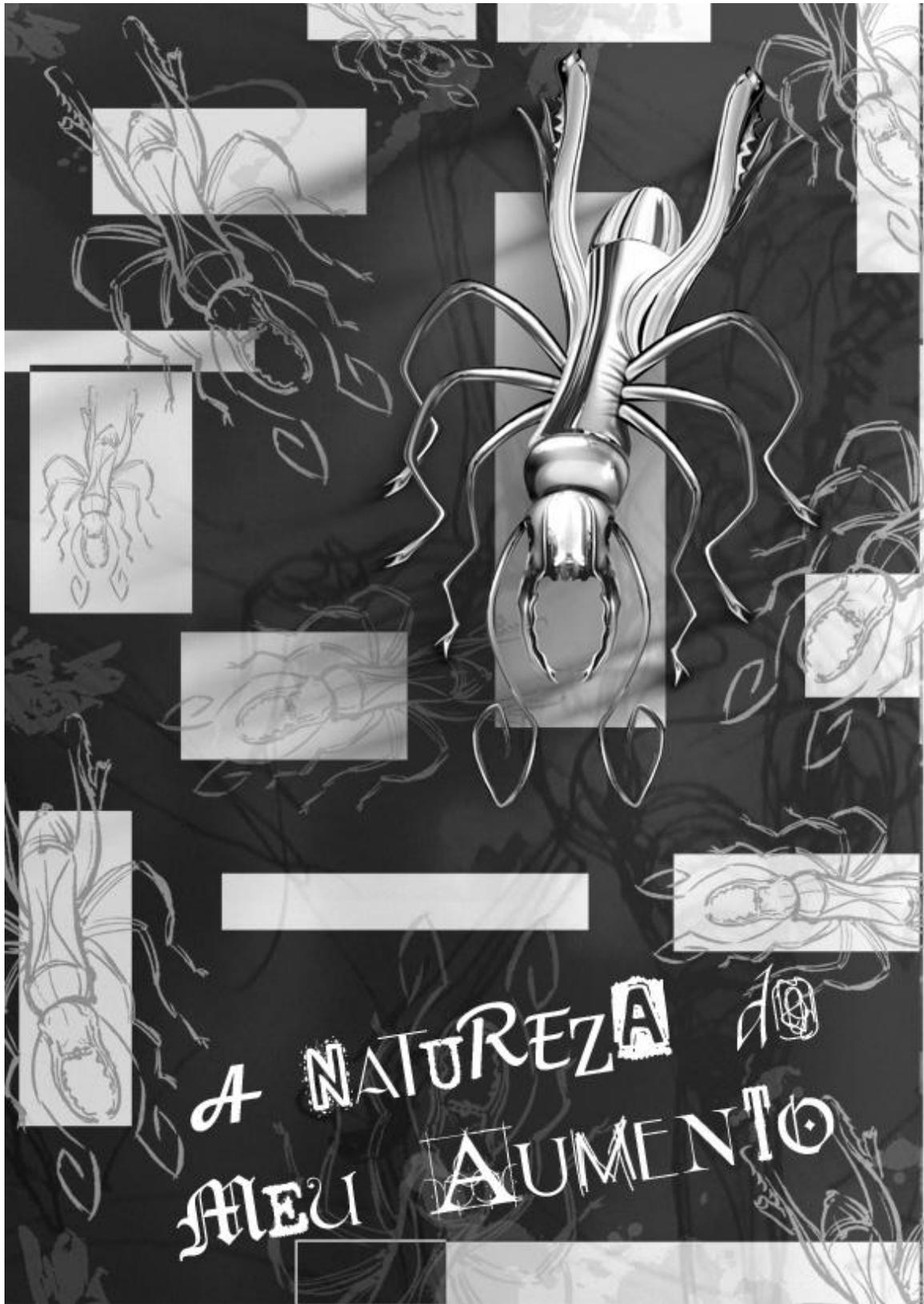
Minha Gerente se inclinou para frente, embora mais parecesse um movimento oscilante de fadiga, e, com seus cotovelos sobre a mesa, sussurrou: “Você me ama?”

Foi a primeira vez, naquele momento, olhando para minha Gerente tão frágil e à beira de uma catástrofe desconhecida, que percebi que ela tinha sido de carne-e-osso um dia. Que talvez tivesse uma história antes da empresa. Que talvez fosse tão vítima das circunstâncias quanto eu.

E por ela ter dito aquilo, ali, em meu escritório, naquele momento, e por eu estar tão cansado e sozinho e não me importar mais, eu disse: “É possível.”

O sorriso de minha Gerente destruiu as linhas de preocupação que irradiavam dos cantos de seus olhos. Foi tão inesperado que sorri de volta.

Depois ela tropeçou em seus próprios pés e se foi, deixando meu aumento sobre a minha mesa.



A NATUREZA DO
MEU AUMENTO

A natureza do meu aumento

Na manhã seguinte, cheguei para trabalhar de bom humor. Eu tivera um sono ininterrupto pela primeira vez em meses. Não notei nada de errado, embora Leer e Scarskirt tivessem mudado a cor de seus exoesqueletos para preto. Para Scarskirt isso significava que seu rosto pálido e perfeito brilhava como o da morte em sua máscara, seus lábios vermelhos como um banquete de sangue. Para Leer, parecia como se somente o exoesqueleto a segurasse em pé. Nenhuma delas me olhou, mas eu não me perturbei com isso, já que as coisas estavam ruins há algum tempo. Sabia que levaria vários meses para as coisas voltarem ao normal.

Comi meu aumento imediatamente – ele tinha gosto de bolo de chocolate úmido – e, revigorado, comecei a trabalhar em meus besouros.

Nem vinte minutos depois, um membro do Recursos Humanos embalando uma lesma em seus braços me convocou para o escritório de minha Gerente. Nesse momento, já começava a me sentir enjoado.

Enquanto nos aproximávamos dos elevadores, meu último pensamento antes de a lesma ser colocada foi: “Por que todos esses escritórios estão vazios?”

Acordei em uma cadeira no escritório do Recursos Humanos no sétimo andar. A representante do RH que tinha me trazido estava de pé ao meu lado esquerdo, segurando a lesma. Minha Gerente estava sentada atrás da mesa do Mord. À sua esquerda estava Soneca, com aparência solene. Ao seu lado direito estava o Mord, grande e terrível, segurando os restos podres de meu arquivo pessoal, do qual ele colhia entranhas e as colocava em sua boca com um tipo de fome distraída.

Meu coração começou a bater tão rápido que podia sentir seu som surdo. Minha garganta se fechou um pouco. Meus braços começaram a tremer e minhas pernas pareciam não funcionar. Tinha

certeza de que eles podiam ouvir minha respiraçaõ, superficial e rápida.

Parecendo muito solene, minha Gerente se inclinou para frente e disse: "Nós decidimos encerrar seu vínculo com a empresa devido ao seu padrão antiprofissional de comunicação. Você tem alguma coisa a dizer em sua defesa?"

Chocado, agoniado, abri minha boca para falar e percebi que tinha sido envenenado por meu aumento. Nada eloquente ou mesmo vagamente coerente saía de meus lábios. Em vez disso, ovos de sapo jorraram, caindo pesadamente no chão e cobrindo minha camisa de lodo verde. Nada poderia ser mais distante da definição de profissional.

Minha Gerente me deu um olhar de tristeza, enquanto o Mord rosnou no canto e um pequeno sorriso animou o rosto solene de Soneca. Acredito que em algum lugar do edifício Scarskirt sorriu naquele exato momento também.

Mas enquanto eles me levavam embora, anexando a lesma enquanto eu lutava, recuperei o suficiente de minha voz para gritar para minha Gerente antes que as portas se fechassem: "Eu te amo. Eu sempre te amei."

Uma aguda tomada de ar. O som do papel que a revestia entrando em combustão uma vez mais.



OS RESULTADOS

Os resultados

Imagens de Leer, de Mord, de Scarskirt encheram minha cabeça enquanto o Recursos Humanos me jogava para fora pela porta da frente, o lugar em minha espinha de onde eles tinham acabado de arrancar a lesma ainda ardendo. Era um dia amargamente frio e ninguém estava andando na praça em frente ao edifício. Tenho certeza de que as pessoas foram avisadas para evitar aquele local até que eu tivesse ido embora.

As portas isolaram os pragmáticos rostos de meus algozes. Cambaleei para trás, olhando para o lugar que tinha sido minha casa por tanto anos – que era, neste nosso mundo incompreensível, tudo de familiar que me restava. Agora, percebia, eu tinha que achar meu caminho sozinho.

Mas havia uma última surpresa.

Enquanto olhava para a janela do escritório do Mord, tão longe, ela se abriu e minha Gerente estava lá de pé: em chamas da cabeça aos pés e sem se preocupar em apagá-las dessa vez. Ela olhou para mim lá embaixo e, mesmo que eu não pudesse ler a expressão em seu rosto, gostaria de pensar que estava feliz, por um momento.

Depois o Mord se ergueu por trás dela, rugindo enquanto se erguia e se erguia e se erguia, como se ele não fosse parar de crescer, preenchendo toda a janela. Uma patada e minha Gerente foi jogada para fora de minha vista.

O fogo foi se espalhando de janela em janela, de sala em sala, enquanto ele ficava furioso, se debatendo e lutando. Depois, ele parou para me olhar lá embaixo, patas contra o vidro. Por um momento, olhou para o céu cinzento como se estivesse procurando por algo.

Uma sombra, pequena e leve e pegando fogo, começou a cair das janelas em chamas.

Era uma folha? Quem poderia dizer? Quando atingisse o chão, não restaria mais nada.

E essa era a situação no momento em que deixei a empresa.

Sobre o Autor

Jeff VanderMeer é autor do best-seller *City of Saints and Madmen*, um romance estabelecido em seu estilo próprio e inconfundível, que fala sobre a cidade fantástica de Ambergris, vindo para somar-se as diversas novelas de Bantam, Tor, e Pan Macmillan.

Já foi vencedor de dois prêmios *World Fantasy*, de um *NEA-funded Florida Individual Writers' Fellowship*, e, mais recentemente, dos prêmios *Le Cafard cosmique*, na França, e *Tähtifantasia*, na Finlândia, ambos pelo *City of Saints*.

Foi também finalista dos prêmios *Hugo*, *Bram Stoker*, *IHG*, *Philip K. Dick*, entre muitos outros.

Novelas como *Veniss Under-ground*, *Shriek: An Afterword* e *Finch*, o fizeram chegar a lista dos melhores do ano da Amazon.com, do *The Austin Chronicle*, do *The San Francisco Chronicle*, e da *Publishers Weekly*, entre outros.

Seu trabalho, tanto em romances como com os contos, foram traduzidos para mais de vinte línguas, chegando pela primeira vez ao Brasil através desta publicação da Tarja Editorial.

The Thackery T. Lambshead Pocket Guide to Eccentric & Discredited Diseases é definitivamente a sua mais famosa antologia organizada, e é considerada um clássico cult, contando com autores renomados como Alan Moore e Neil Gaiman.

VanderMeer é redator e editor do *Ministry of Whimsy Press*, até recentemente no hiato. Ele é atualmente uma marca de Wyrn Publishing. Uma das publicações da Ministry, *The Troika de Stephen Chapman*, ganhou o prêmio Philip K. Dick em 1997.

As críticas e ensaios de VanderMeer apareceram primeiramente no *The Washington Post Book World*, *Publishers Weekly*, e muitas outras. Ele é um colunista regular do blog do Amazon book-culture e faz parte do júri do prêmio Eirner, dentre outros, e é palestrante convidado em diversos eventos como o Festival de escritores da

Brisbania, *Finncon* em Helsinki, e na Associação das Bibliotecas Americanas em sua conferência anual. Suas apresentações e palestras multimídias em diversos tópicos são dadas em todo mundo, e ele faz frequentes aparições públicas, incluindo ensinar no *Clarion Workshop* e na *Trinity Prep School*.

Pouco tempo atrás, VanderMeer começou a experimentar outro tipo de mídia, resultante de um filme baseado na sua novela *Shriek* que tem como destaque a trilha sonora original da banda *The Church* e uma animação europeia para *Play Station* de sua história "A New Face in Hell" pelo animador Joel Veitch.

Em 2008 VanderMeer escreveu uma história do Predador para a *Dark Horse Comics* chamada *Predator: South China Seas*, mostrando que sua variedade de estilos não se limita apenas aos romances e contos.

Além de todos seus trabalhos próprios, VanderMeer também é responsável, juntamente com Ann, sua esposa, por diversas antologias, tais como *Fast Ships*, *Black Sails*, *The New Weird*, *Steampunk* e *Steampunk: Reloaded* (esta última incluindo textos de dois brasileiros: Fábio Fernandes e Jacques Barcia, publicados também na coletânea nacional *Steampunk - histórias de um passado extraordinário*, da Tarja Editorial).

Encerrando esta breve apresentação, vale citar também que Jeff preparou um curta baseado no *A Situação*, com música da Tarantella, e também aprimora uma novela chamada Borne, que é uma sequência do *A Situação*.

Sobre a Editora

A **Tarja Editorial** é uma editora dedicada a literatura fantástica. Tem como missão publicar autores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. E como ação o pioneirismo, ditando tendências com as primeiras publicações de contos de Steampunk nacional, New Weird Fiction no Brasil, mush-up brasileiro, coletâneas de contos Queer, entre outros sucessos. Não somos ainda a maior editora brasileira de gênero, mas somos a que mais cresce a cada ano.

Contatos:

contato@tarjaeditorial.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

www.facebook.com/TarjaEditorial

Leia também pela Tarja Editorial...

CYBER BRASILIANA

- . bilhões sob o jugo do 3Murti?
 - . realidade alternativa pós-cyber?
 - . Norte decadente e 3 potências no eixo-sul?
 - . Hipermundo: simples realidade aumentada?
 - . a tecnologia nos afasta do espiritual?
 - . quem abriria mão de tudo?
 - . e se "tudo" for "nada"?
 - . como ser definitivo?
- ... [processando] ...

UM ROMANCE PÓS-CYBERPUNK DE
RICHARD DIEGUES



